

Cultivando saberes, colhendo autonomia: feiras agroecológicas e educação popular com mulheres da Amazônia da Floresta Nacional de Tefé/AM

Marcela da Silva Barbosa¹, Rita de Cássia Fraga Machado², Hemily Pastanas Marinho³, Luiz de Oliveira Auleriano⁴

Resumo

Na Floresta Nacional de Tefé/AM – Flona, as mulheres têm uma intensa jornada de trabalho, desde os cuidados do lar até a educação dos filhos, o cultivo da roça e o “papel de esposas”. As feiras de produção agroecológica, realizadas pelas mulheres da região da Flona, vão na contramão da subalternização das mulheres. Assim sendo, o objetivo deste estudo foi analisar o processo de fortalecimento das identidades das mulheres da Flona na feira de produtos agroecológicos, desde a organização até a venda dos produtos, além de destacar a importância da agroecologia e sua relação com as mulheres. O estudo foi realizado na Flona, com a colaboração de cinco mulheres cujas experiências singulares foram fundamentais para a construção e desenvolvimento da pesquisa. A investigação foi conduzida baseada na pesquisa participante, integrando histórias de vida e registros fotográficos como instrumentos centrais. Os resultados evidenciam que as feiras vão além de espaços de comercialização, constituindo-se como territórios de formação, pertencimento e afirmação identitária, nos quais se entrelaçam dimensões educativas, afetivas e políticas. Concluiu-se que as feiras não são apenas lugares de produção material, mas de construção de autonomia e participação política, sobretudo por meio das trocas de saberes e experiências entre as mulheres participantes.

Palavras-chave

Mulheres da floresta. Feiras agroecológicas. Floresta Nacional de Tefé. Educação popular.

¹ Doutoranda em Educação na Amazônia na Universidade do Estado do Amazonas, Brasil; bolsista na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas, Brasil. E-mail: miguel261016@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; pós-doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil; professora na Universidade do Estado do Amazonas, Brasil; líder do Grupo de Pesquisa "Educação, Feminismos e Amazônia" na Universidade do Estado do Amazonas, Brasil; representante na área de Ciências Humanas e Sociais da Câmaras de Assessoramento Científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas, Brasil. E-mail: rmachado@uea.edu.br.

³ Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. E-mail: hemilypmt@gmail.com.

⁴ Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. E-mail: luizeltonauleriano@gmail.com.

Cultivating knowledge, harvesting autonomy: agroecological fairs and popular education with Amazonian women from the Tefé National Forest/AM

Marcela da Silva Barbosa¹, Rita de Cássia Fraga Machado², Hemily Pastanas Marinho³, Luiz de Oliveira Auleriano⁴

Abstract

In the Tefé National Forest – Flona, Amazonas, women have an intense work routine, from household chores and child education to farming and fulfilling the “role of wives”. The agroecological production fairs, organized by the women of the Flona region, move in the opposite direction of women’s subordination. Thus, the aim of this study was to analyze the process of strengthening the identities of women from the Flona through the agroecological product fairs, from organization to products sales, while highlighting the importance of agroecology and its relationship with women. The study was conducted in the Flona, with the collaboration of five women whose unique experiences were fundamental to the construction and development of the research. The investigation was conducted through participatory research, integrating life stories and photographic records as key instruments. The results show that fairs go beyond spaces of commercialization, becoming territories of education, belonging, and identity affirmation, where educational, affective, and political dimensions interwine. It was concluded that the fairs are not only places of material production but also of autonomy building and political participation, especially through the exchange of knowledge and experiences among participating women.

Keywords

Women of the forest. Agroecological fairs. Tefé National Forest. Popular education.

¹ PhD candidate in Education in the Amazon, State University of Amazonas, State of Amazonas, Brazil; scholarship recipient at the Amazonas State Research Support Foundation, State of Amazonas, Brazil. Email: miguel261016@gmail.com.

² PhD in Education, Federal University of Rio Grande do Sul, State of Rio Grande do Sul, Brazil; postdoctoral internship in Education, University of Vale do Rio dos Sinos, State of Rio Grande do Sul, Brazil; professor at the State University of Amazonas, State of Amazonas, Brazil; leader of the Research Group “Education, Feminisms, and the Amazon” at the State University of Amazonas, State of Amazonas, Brazil; representative in the area of Humanities and Social Sciences of the Scientific Advisory Chambers of the Amazonas State Research Support Foundation, State of Amazonas, Brazil. Email: rmachado@uea.edu.br.

³ Master's degree in Education, State University of Amazonas, State of Amazonas, Brazil. Email: hemilypmt@gmail.com.

⁴ Master's degree in Education, State University of Amazonas, State of Amazonas, Brazil. Email: luizeltonauleriano@gmail.com.

Introdução⁵

Historicamente, o trabalho das mulheres foi constantemente menosprezado pelos homens e pela sociedade. Essa visão distorcida não apenas invisibiliza a carga de trabalho delas, como reforça desigualdades estruturais nas comunidades. Como aponta Saffioti (2013), o patriarcado e o capitalismo atuam conjuntamente para explorar e desvalorizar o trabalho feminino, configurando uma dupla opressão que marginaliza as mulheres no âmbito econômico e social. Na floresta, onde a subsistência depende de uma interação equilibrada com o meio ambiente, o trabalho feminino é central para a manutenção do território e da cultura, mas continua sendo percebido como uma “ajuda” ao trabalho masculino, em vez de uma atividade autônoma e indispensável.

Essa realidade exige um olhar crítico e transformador para valorizar o papel das mulheres no cuidado com a floresta e na organização comunitária. As mulheres da Amazônia (AM) não apenas mantêm o sustento de suas famílias, como desempenham um papel crucial na preservação do ambiente e na transmissão de conhecimentos ancestrais. Reconhecer e valorizar essas contribuições é um passo essencial para a construção de uma sociedade mais igualitária e sustentável, na qual as desigualdades de gênero sejam efetivamente combatidas.

Siliprandi e Cardoso (2018) afirmam que, na agricultura, ecológica ou não, muitas das tarefas exercidas pelas mulheres (cuidar do quintal, cuidar dos pequenos animais, produzir doces, conservas e queijos) se confundem com o trabalho reprodutivo (cuidar da casa, cuidar dos filhos, cozinhar) e, por isso, são vistas apenas como uma “ajuda” ao trabalho masculino – o qual, inclusive, é considerado produtivo. O não reconhecimento do seu trabalho e de sua contribuição para a riqueza familiar, bem como para o desenvolvimento comunitário, é acompanhado, muitas vezes, da restrição do seu acesso às tomadas de decisão sobre a renda familiar e sobre o sistema produtivo da propriedade. Da mesma forma, esse não reconhecimento interfere em sua autonomia.

Nesse percurso de construção da organização na Floresta Nacional de Tefé (Flona), desenvolve-se o processo das feiras de produtos agroecológicos, conduzido por mulheres em um ajuri⁶ feminino que fortalece os vínculos comunitários. Os caminhos que atravessam as florestas e as matas são múltiplos e complexos; contudo, quando bem trilhados, conduzem a destinos precisos. Da mesma forma, os caminhos que possibilitaram a realização das feiras foram marcados por desafios e complexidades.

⁵ Uma primeira versão deste texto foi apresentada no 10º Encontro da Rede de Estudos Rurais.

⁶ Substantivo masculino, usado na região do AM, cujo significado é: mutirão/mobilização.

As feiras não foram instituídas de forma imediata, mas resultaram de uma ampla rede de parcerias entre a sociedade civil e os moradores da Flona. Diversos projetos, encontros e reuniões foram necessários para concretizar o ideal das feiras agroecológicas. Os produtos comercializados nas feiras são cultivados em hortas comunitárias, distribuídas entre as diferentes comunidades. Cada horta é cuidada pelas mulheres locais, que compartilham entre si as responsabilidades do cultivo. Trata-se de um trabalho coletivo, no qual cada mulher desempenha um papel fundamental para o funcionamento e a sustentabilidade da produção.

A iniciativa de uma feira agroecológica realizada por mulheres foi fruto do projeto “Feira Agroecológica com Mulheres”, realizado no período de dois anos, organizado por diversas entidades da sociedade civil dos municípios de Tefé/AM e Alvarães/AM, situados a aproximadamente 523 quilômetros da cidade de Manaus, capital do AM. Entre as instituições que contribuíram para a organização do projeto, podemos destacar: a Universidade do Estado do Amazonas (UEA); o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM); o Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (Ifam); a Associação de Produtores Agroextrativistas da Flona de Tefé e Entorno (Apafe); o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio); a Secretaria de Produção do Município de Tefé (Sempa); e, por fim, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Os parceiros supracitados, a princípio, perceberam a potencialidade das mulheres da Flona. Em um primeiro momento, eles trilharam esses caminhos da organização junto a elas. Após a finalização do projeto, as mulheres moradoras da Flona começaram a organizar, de forma autônoma, as feiras agroecológicas, mantendo sua realização com o apoio da UEA. Nesse contexto, a Universidade cedeu espaço para a comercialização dos produtos agroecológicos e, desse modo, o projeto recebeu como novo título: “Feira: Mulheres Tecendo Conhecimento Ancestral”.

Conforme Machado, Balbino e Oler (2021), o projeto acima teve como objetivo promover e organizar feiras agroecológicas que viabilizassem uma alternativa de comercialização da produção das agricultoras da região de Tefé/AM, em pequena escala e por grupos produtivos. Além disso, visava proporcionar às produtoras da agricultura familiar uma oportunidade de produção agroecológica e sustentável. Ademais, buscou proporcionar espaços de aprendizagens interdisciplinares, com palestras e oficinas relacionadas ao tema central desse projeto, almejando a socialização das produtoras rurais com o centro acadêmico e demais instituições parceiras.

A feira agroecológica se constitui como um espaço de formação popular, onde o conhecimento é construído coletivamente a partir da realidade concreta das mulheres que

participam. Inspiradas na concepção freireana de educação como prática da liberdade (Freire, 1987), as trocas de saberes que ocorrem durante a feira configuram-se como processos de aprendizagem significativos, enraizados no cotidiano e nos territórios de vida das participantes. Assim, a feira torna-se uma “escola viva”, na qual os saberes são partilhados horizontalmente e baseados na escuta, no diálogo e na valorização dos saberes populares. Desse modo, o objetivo deste estudo foi analisar o processo de fortalecimento das identidades das mulheres da Flona na feira de produtos agroecológicos, desde a organização das feiras à venda dos produtos, além de destacar a importância da agroecologia e sua relação com as mulheres.

Metodologia

A pesquisa teve duração de um ano e se deu com a participação de cinco mulheres, moradoras de três comunidades na Flona e entorno: Dona Edna, Dona Raimundinha e Dona Janete, moradoras de Bom Jesus/AM; Dona Ezimar, moradora da comunidade do São Francisco do Bauana/AM; Dona Rejane, moradora da comunidade de São Francisco do Arraia/AM. Cada uma dessas mulheres carrega experiências singulares que se mostraram fundamentais para a construção e desenvolvimento desta pesquisa.

A metodologia adotada para este estudo foi a pesquisa participante, que busca, em todos os seus processos, gerar conhecimento e transformação social do lugar estudado. Esse processo somente é possível “com relação de reciprocidade de sujeito e objeto e relação dialética, entre teoria e prática” (Silva, 2006, p. 127). Quando mencionamos determinados processos de relações feministas de organização comunitária, estamos transportando junto a eles a relação da própria história da comunidade. O processo de organização representa uma entrega mútua entre as partes envolvidas na pesquisa, reforçando a importância da comunicação e da troca para além de um saber único. Como afirma Silva (2006, p. 128), “esse saber já não é mais produto de um saber dominante, mas de saberes em intercomunicação interativa, não havendo lugar para a passividade, pois o coletivo já se constituiu sujeito e sujeito é aquele que age, que atua”.

No que concerne à coleta de dados da pesquisa, utilizamos a história de vida de cada participante. Em outras palavras, “partilha de vida”, uma vez que se refere a um momento de afeto e sintonia entre as pesquisadoras e as mulheres.

O método da história de vida é uma ferramenta que possibilita aos pesquisadores e sujeitos uma relação em que a ética e a dimensão da alteridade são fundamentais. As lembranças nesse processo não são simplesmente repetir um passado, e sim trabalho, reconstrução e deslocamento. O processo de recolher as histórias de vida se dá pelo tempo do encontro (Nogueira *et al.*, 2017, p. 483).

Esse “tempo de encontro”, como diz Nogueira *et al.* (2017), é o tempo referente ao momento de observação e sincronicidade. Nesse momento, volta-se ao passado, desde a infância até os dias atuais, percorrendo memórias que, muitas vezes, levam para momentos infelizes de alguma história ou, por outro lado, trazem consigo um sorriso – a recuperação de determinada lembrança bonita, rememorada nesse momento.

Com relação ao momento da entrevista, Fernandes (2010, p. 20) aponta que “a história do laço [que] se estabelece entre pesquisador e seu informante no contexto da entrevista é quase sempre uma história de uma relação que marca um e outro. Tal encontro raramente deixa ileso os dois parceiros”. Consoante a Thompson (1992, p. 34), “a pesquisa de história oral pode também levar a própria exposição a se aproximar mais do original histórico”. Compartilhando dessa análise, pode-se dizer que “a história oral possibilita que indivíduos pertencentes a segmentos sociais geralmente excluídos da história oficial possam ser ouvidos, deixando registros para análises futuras de sua própria visão de mundo, e aquela do grupo social a que pertencem” (Cassab; Ruscheinsky, 2004, p. 12). Nesse sentido, a técnica da história de vida vai além de uma escuta.

Durante a escrita deste artigo, emergiu a necessidade de retomar lembranças da infância como forma de compreender de que modo determinadas vivências contribuíram para moldar minha relação com o tema em estudo. Essa escolha se justifica não apenas pelo caráter afetivo dessas memórias, como também por seu valor acadêmico. Conforme argumentam Mussi, Flores e Almeida (2021), o relato de experiências configura-se como uma forma legítima de construção de conhecimento, desde que articulado com criticidade, referências e análise reflexiva.

Por fim, utilizou-se a técnica da fotografia, que, nesta pesquisa, assume o papel de texto visual e confere visibilidade às mulheres da Flona. Para Samain (2012), o registro fotográfico não assegura uma leitura única ou definitiva, pois seu discurso é permeável e se molda às intenções e interpretações com as quais é confrontado. A fotografia remete à memória, capaz de evocar momentos felizes ou tristes; no caso das mulheres da Flona, prevaleceram sentimentos de felicidade e alegria ao se reconhecerem nas imagens.

Esses registros foram produzidos em momentos de protagonismo feminino, como durante os encontros formativos e as feiras agroecológicas, eternizando um tempo de união e de vivência comunitária em torno de um projeto coletivo e benéfico para todos. Pensar a fotografia como narrativa implica concebê-la como movimento – do ato de recordar ao de reconhecer-se –, um movimento de poder e de protagonismo que instaura outros movimentos, promovendo visibilidade e reconhecimento, como evidenciado nesta pesquisa.

Desenvolvimento

A relação entre a agroecologia e o feminismo revela-se fundamental para o bem viver dos povos da floresta, pois ambas as abordagens valorizam os saberes e as práticas tradicionais, promovem o diálogo e a troca de experiências entre agricultoras, e buscam reconhecer e fortalecer o conhecimento local (Machado; Balbino; Oler, 2021). Nas comunidades da Flona, as mulheres aprendem desde cedo a cultivar a terra de forma sustentável, além de assumir papel central na mitigação da pobreza e da miséria em suas famílias. Esse cuidado com a família se estende com o meio ambiente e a prática do bem viver, como diz Machado (2020):

A agroecologia é uma ciência interdisciplinar e feminina. Primeiro, porque corresponde a várias áreas do conhecimento, e, segundo, porque é majoritariamente por mulheres. São as mulheres que na prática do cuidado, na busca pelo bem viver e pela saúde de sua família, se preocupam com uma boa alimentação, que respeita a natureza e a vida em totalidade (Machado, 2020, p. 28).

Essa compreensão da agroecologia não pode estar separada do respeito com a natureza e a comunidade, bem como pelo sentimento de pertencimento ao lugar. Nesse sentido, podemos afirmar que as feiras e a comunidade se caracterizam por essas relações de trocas de amizade e de afetos. A partir desses lugares, verificamos a autonomia e a troca de conhecimento entre as mulheres, os homens, os jovens e as crianças.

Ao enfatizarmos que esse processo tem início na própria comunidade, é precisamente porque essa relação emerge desse espaço, onde as mulheres vivem com suas famílias e constroem sua existência, tendo como fundamento a relação de respeito com a natureza. Desse modo, as mulheres aprendem e reproduzem técnicas de plantio de roça e de horta, de cultivo de plantas medicinais e de pesca, saberes repassadas de geração em geração visando:

Criar uma comunidade que funcione, é preciso observar, cuidadosamente, alguns dos seus fundamentos: espírito, crianças, anciões, responsabilidade, generosidade, confiança, ancestrais e ritual. Esses elementos formam a base da comunidade. Não é preciso começar com muita gente. Preferiria um círculo de bons e poucos amigos a me perder em uma multidão de pessoas, as quais não ligam umas para outras (Paredes, 2016, p. 3).

Conforme exposto acima, a vivência em comunidade exige esforço e dedicação, pois a comunidade é o lugar da generosidade e dos afetos comuns. Ao longo da pesquisa em campo, esses aspectos estiveram presentes em muitos teóricos; no entanto, ainda assim, conflitos são inevitáveis. Observamos que, em relação às mulheres da Flona, esses conflitos originavam-se do desinteresse de algumas delas em participar do movimento. Contudo, a solidariedade das lideranças em incentivar essas mulheres na participação foi inspiradora. Nesse sentido, os caminhos trilhados até a concretização das feiras pressupõem desafios e conquistas, como evidente nas falas de Dona Edna e Dona Cláudia:

A palavra “comunidade” é muito forte, né? É assim, é que nem eu questiono: viver em comunidade é bom; não vou dizer que comunidade é ruim. Só que, assim, é uma responsabilidade que a gente tem que ter na comunidade: a gente tem que obedecer às regras da comunidade. Quando se trata de comunidade, é comum, é união [...] o amor – que é amor, é amor mesmo. Nem todo mundo tem amor pelo próximo, e isso tem que existir dentro da comunidade, porque senão, não funciona (Dona Edna, Comunidade de Bom Jesus, 2023).

Eu gosto da união dos vizinhos. É muito difícil a gente ver esse negócio de briga, de discussão. O que eu não gosto é esse negócio de bebedeira que tem, esse negócio de droga que não tinha, e aqui já está começando a aparecer. Mas a união é o que mais gosto; sem união, a gente não consegue nada (Dona Cláudia, Comunidade de São Francisco do Bauana, 2023).

Verificamos que, nas duas falas, as relações de afeto e união são importantes para o bem viver dos comunitários. Em outras palavras, a regra básica para o bom funcionamento da comunidade é a boa relação entre as pessoas. Sem a união, o ambiente comunitário tende ao caos e ao fracasso. No depoimento de Dona Claudia, da Comunidade de São Francisco do Bauana, é possível verificar a menção à presença de fatores externos que começam a influenciar as comunidades, trazendo como consequência a desunião e a desarmonia do ambiente comunitário. Ainda na fala da moradora, as conquistas só podem ser concretizadas

por meio da união entre os comunitários. Nesse contexto, na Imagem 1, apresento alguns elementos constitutivos da organização das comunidades e as afetividades que as rodeiam⁷.

Imagem 1 – Dona Ezimar em sua canoa, chegando para uma reunião de organização



Fonte: arquivo do “Projeto Feiras Agroecológicas” (2023).

A Imagem 1 mostra Dona Ezimar embarcada em sua canoa, equipada com motor rabeta – um transporte comum aos ribeirinhos do Médio Solimões/AM, bem como em outros locais da Amazônia. Para as reuniões de organização das feiras, as mulheres usam suas canoas e seus motores rabetas; elas mesmas conduzem a embarcação em direção à comunidade que sediará a reunião.

No entanto, pilotar uma canoa ou guiar a família, ou um grupo, não era função atribuída às mulheres nas comunidades ribeirinhas. Ao analisar essa questão, recordo-me de minha infância e adolescência: nenhuma das mulheres de nossa casa podia pilotar as canoas. Muito esporadicamente isso ocorria, apenas nas ocasiões em que os homens não estavam presentes. Lembro-me, por exemplo, de uma ocasião em que fui pescar com meu pai e pedi a ele para pilotar; ele não permitiu, pois considerava que aquela não era uma atividade para meninas. Desse modo, quando nos deparamos com um grupo de mulheres embarcando em uma canoa pilotada por outra mulher, trata-se de um ato revolucionário, pois, naquele momento, elas ocupam espaços historicamente reservados aos homens, assim como em outros âmbitos da comunidade. O espaço de comercialização nas feiras, por exemplo, também pode ser

⁷ O uso das imagens utilizadas neste trabalho foi permitido pela assinatura do documento “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (TCLE).

apontado como um desses lugares tradicionalmente masculinos, conforme se observa no relato de Dona Janete:

Aqui nós nunca tinha[mos] ido para [a] feira vender verduras; nós ia[mos] vender farinha, mas verdura nós não ia[mos], não. Depois que chegou o Projeto com a professora Rita e começou tudo, eu tinha minha hortinha só para colocar no peixe: minha cebola, chicória e pimenta. Depois que nós fizemos as hortas, deu tudo, e quando a gente ia vender era muito bom, era muito animado; nós saía[mos] cedo daqui para ir para lá (Dona Janete, Comunidade do Bom Jesus, 2023).

Conforme apontado anteriormente, a exclusão das mulheres nesses espaços tradicionalmente masculinos é histórica. Muraro (1995) afirma que, por ocasião da emergência do capitalismo, a mulher se tornou somente a unidade de reprodução da força de trabalho. Seu papel era reproduzir, parir, cuidar dos filhos, do marido e da casa, além de ser uma excelente esposa. Mesmo anos após tal afirmação, essa percepção continua a se repetir atualmente, inclusive nas comunidades situadas entre rios e florestas.

Fato que a sociedade patriarcal e o machismo sobrecarregaram as mulheres tanto em seus afazeres domésticos quanto nos movimentos. O envolvimento das mulheres com a agroecologia possibilitou a abertura de novos caminhos para a agroecologia, contribuição da sustentabilidade e equilíbrio ambiental, o envolvimento e o sentimento de coletividade foi motivo de orgulho para as mesmas (Machado, 2020, p. 33).

Apesar do cenário de silenciamento e submissão, é importante destacar que as mulheres não permaneceram inertes diante dessas imposições sociais. Em outras palavras, mesmo com a imposição dessa mentalidade patriarcal e machista presente no campo e em outros locais, as mulheres têm se mobilizado e protagonizado lutas e resistência ao longo da trajetória nacional. Esse protagonismo foi e é resultado de um longo processo de educação, cujo objetivo é a emancipação das mulheres que vivem no campo:

A educação popular na vida das mulheres camponesas revela-se a partir da organização em um movimento social popular [...]. Elas mostram, em sua experiência vivida diariamente, que há um processo educativo a partir de ensinamentos, aprendizagens e troca de conhecimentos populares e feministas referidos à realidade do campo. O processo de conscientização dessas mulheres ocorre desde a sua formação, compreendida como educação popular, que é libertadora, pois, a partir de uma reflexão sobre o trabalho camponês, elas vão tomando consciência de si mesmas como sujeitos de sua própria história e passam a reivindicar sua voz e vez na família, na comunidade e na sociedade (Cinelli; Ribeiro, 2016, p. 202).

As mulheres do campo vêm superando a subalternização por meio de processos educacionais baseados em suas próprias realidades. Historicamente excluídas da escola e confinadas ao espaço doméstico e produtivo da roça, tiveram seu direito à educação negado por uma mentalidade patriarcal que as limitava ao ambiente privado, ou seja, ao cuidado do lar, da roça e da educação dos filhos. No entanto, por meio de lutas e mobilizações, conseguiram acesso a uma educação libertadora, que valoriza seus saberes e promove a consciência crítica. Como afirmam Andrade e Machado (2018, p. 2), “sua prática deverá ser realizada visando um aprendizado emancipador, que contribua para valorização dos saberes das mulheres das comunidades tradicionais”. Esses processos formativos, fundamentados na educação popular, têm sido essenciais para a emancipação e organização das mulheres do campo no Brasil.

Adiante, na Imagem 2, observa-se que dona Edna relata com entusiasmo a alegria de ter participado, junto à amiga Rejane, do encontro realizado em Belo Horizonte/MG, que reuniu mulheres agricultoras de diversas regiões do país. Ela destaca a importância de as mulheres se organizarem na comunidade para que mais participantes tenham essa experiência, possam organizar as feiras e fortalecer a venda de seus produtos. Na mão de Rejane, há um folheto de cantos intitulado “Sem feminismo não há agroecologia”, trazido do encontro para que as demais mulheres da comunidade tenham novos cantos para animar suas atividades.

Imagem 2 – As castanheiras do Norte



Fonte: arquivo do “Projeto Feiras Agroecológicas” (2023).

Desse modo, enquanto na sociedade capitalista os meios de comunicação contemporâneos fomentam a impessoalidade e a distância entre as pessoas, nas sociedades amazônicas ainda predominam a proximidade e o aconchego, que geram segurança e confiança mútuas. A proximidade e a reciprocidade, que caracterizam a intensa relação entre os elementos naturais amazônicos, também estão presentes nas relações interpessoais, ou seja, nas relações de amizade e de compadrio entre os homens e as mulheres dos rios e floresta.

Nas canoas, as mulheres transportam suas hortaliças e demais produtos provenientes de sua produção, os quais são utilizados no preparo do almoço do dia. A canoa repleta de produtos significa fartura e, conseqüentemente, felicidade e satisfação dos ribeirinhos. Outrossim, as mulheres da Flona se alegram com o que produzem de forma sustentável. Conforme mencionado anteriormente, as mulheres da Flona ressignificaram a compreensão acerca do trabalho. Se, anteriormente, as atividades desenvolvidas nas hortas e na roça eram desvalorizadas pelos homens, com os encontros de formação, esses espaços foram reconhecidos também como territórios de organização coletiva e de protagonismo feminino.

Imagem 3 – As mulheres no momento da troca de sementes na feira, dentro da Universidade



Fonte: arquivo do “Projeto Feiras Agroecológicas” (2023).

Além de ser um espaço de cultivo dos bens necessários para a sobrevivência das famílias e da comunidade, as hortas se tornaram espaços de planejamento e organização das atividades produtivas. O estar unido e reunido em grupo produz afeto, autonomia e sentimento de bem-estar, como evidente na fala de Dona Janete:

A gente nunca pensou que ia acontecer uma coisa dessa com a gente, e aconteceu. A gente ficava muito feliz quando se reunia todo mundo; era muita alegria e bagunça, era muito bom (Dona Janete, Comunidade de Bom Jesus, 2023).

Segundo Dona Janete, as feiras tornaram-se elementos significativos na vida das mulheres da Flona. Se, anteriormente, elas não dispunham de autonomia e viviam sob a tristeza imposta pela subjugação masculina, os encontros de preparação, aliados à realização das feiras, proporcionaram o fortalecimento da autonomia e da autoestima feminina. Mais do que isso, as mulheres assumiram o protagonismo na organização tanto dos encontros quanto das feiras. Embora, em um primeiro momento, terem sido auxiliadas pelos colaboradores das instituições parceiras, elas se tornaram as lideranças responsáveis por todo o trabalho. Desse modo, as mulheres estavam presentes no trabalho de cultivo das hortas e das roças, bem como na organização do movimento como um todo.

As falas das participantes evidenciam que a feira fortalece sua relação com o território e seu papel como mulheres produtoras e detentoras de saberes. Segundo Arroyo (2009), os sujeitos populares constroem seus “territórios de existência” por meio de práticas cotidianas que afirmam sua presença e seu pertencimento. Ao ocuparem o espaço público da feira com seus produtos e saberes, as mulheres da Flona reafirmam suas histórias e trajetórias de vida no território, resistindo às formas de invisibilização historicamente impostas. Essa dimensão dialoga com Medel (2015), para quem a educação popular feminista emerge das vivências das mulheres e valoriza o cotidiano como espaço pedagógico e político.

Imagem 4 – Canção *Pisa ligeiro*
adaptada

<p>Pisa ligeiro Pisa ligeiro, pisa ligeiro Quem não pode com as mulheres Não assanha o formigueiro Pisa ligeiro, pisa ligeiro Quem constrói o feminismo Muda o país inteiro</p>
--

Fonte: autoria própria (2023)

A canção *Pisa ligeiro*, originalmente lançada pelo grupo musical Banzzai (2011), foi adaptada coletivamente pelas mulheres da Flona. Em sua versão, os versos se transformam

em gesto político, evocando a potência e o protagonismo feminino das lutas do cotidiano. Quando elas cantavam essa pequena e potente canção, interrompi as fotografias e iniciei uma filmagem. Quis registrar, por meio do som e do movimento, o brilho e a força contida no ato de pisar dessas mulheres. Seus passos sobre o assoalho de madeira da casa comunitária faziam um barulho coletivo, que ressoava para além daquele espaço. Do lado de fora, os homens, enquanto preparavam a refeição, observavam com curiosidade e espanto a dança de libertação das mulheres da Flona. Esse movimento, assim como todas as suas ações, carrega uma dimensão política, além de potente por ter o afeto como fio condutor. A esse respeito, Julieta Paredes contribui significativamente sobre o feminismo comunitário:

O amor é político! Uma das coisas que sempre dizemos é que nós fazemos política como um profundo ato de amor, amamos a nosso povo, e o que nos move é isso, somos apaixonadas por nosso povo: as pessoas, a natureza, a paisagem... e por amor inventamos todas as metodologias e a facilitação que utilizamos, procuramos explicar ao nosso povo como lhe amamos, como queremos que seja amanhã, como gostaríamos de viver (Paredes, 2016, p. 3).

Na concepção da autora, o amor é político. O afeto é o sentimento que impulsiona as mulheres da Flona nesse processo de reflexão e transformação, tanto para viver em comunidade quanto para se projetar para além dela. Desse modo, é a partir desse movimento – ao mesmo tempo, político e afetivo – que elas se organizam e embarcam em suas canoas para concretizar o sonho da autonomia e da participação, que aponta para a libertação.

Logo após esse momento de acolhimento promovido pelas mulheres, inicia-se o trabalho nas hortas comunitárias, organizadas por comunidades, cabendo a cada grupo o cuidado de sua respectiva área. Trata-se de uma atividade coletiva, em que cada mulher desempenha sua função, conforme relata uma das participantes:

A gente consegue se unir para manter a horta, que tem que molhar de tarde; quando uma não ia, a outra ia, ou a gente dividia o trabalho, quando tinha muita verdura, aí era assim (Dona Janete, Comunidade de Bom Jesus, 2023).

Considerações finais

Para concluir, podemos afirmar que as feiras não são apenas espaços de produção material, mas de construção de autonomia e de participação política, sobretudo por meio das trocas de saberes e experiências entre as mulheres que delas participam. Essa constatação surgiu a partir da observação atenta das interações durante as feiras, das narrativas construídas

nas entrevistas e do envolvimento ativo das mulheres na organização e gestão coletiva dos eventos. Assim, as feiras se configuram como espaços pedagógicos, onde se aprende com a prática, com o outro e com o território.

Nesse processo de troca de saberes, as mulheres experimentam o sentimento de realização. A participação delas em espaços como a Universidade indica a força das mulheres pela conquista dos seus direitos e da sua cidadania. Antes, elas lutaram pela participação na comunidade; hoje, conquistaram espaços que, até então, eram reservados aos homens, marcando a superação de barreiras históricas que limitavam seu acesso ao conhecimento e à formação acadêmica. Desse modo, a conquista de espaços possibilita às mulheres da floresta um aprendizado para a emancipação e a autonomia.

As mulheres do campo, das águas e das florestas, a partir de suas localidades, lutaram e ainda lutam pela participação nos espaços decisivos dentro da comunidade. O movimento das mulheres camponesas no Brasil, fundamentado nos princípios da educação popular, fortaleceu-se ao longo do tempo e conquistou importantes vitórias em âmbito nacional, bem como direitos fundamentais para as mulheres no país.

As mulheres da Flora promoveram lutas de resistência contra a mentalidade patriarcal e machista a partir de uma educação voltada para a emancipação. Essa mentalidade impunha às mulheres o papel restrito ao âmbito privado, ou seja, aos cuidados do lar, da roça e da família. Os demais espaços decisivos e importantes no ambiente comunitário eram restritos exclusivamente aos homens, que desconsideravam tanto a participação das mulheres quanto a relevância do trabalho realizado por elas. Privadas de uma participação plena no contexto comunitário, as mulheres da Flora também foram excluídas do direito à educação. Contudo, gradativamente, essa condição de subalternidade foi se transformando, a partir de iniciativas envolvendo atores, instituições civis locais e moradores da Flona, tendo como base os princípios libertadores da educação popular.

Por fim, nesse caminho do encontro com o trabalho das hortas agroecológicas, as mulheres perceberam que, quando unidas, possuem uma força maior; juntas, elas movimentam a floresta. A ancestralidade e os conhecimentos transmitidos de geração em geração entoam esse poder, potencializado pela vivência em comunidade e pela relação profunda com a floresta e os rios.

Referências

- ANDRADE, E. S.; MACHADO, R. C. F. Mulheres da floresta: dizendo sua palavra autonomia, participação e emancipação. *In*: MACHADO, R. C. F.; GAMA, A. S. (org.). **Mulheres, organização e produção agroecológica**: Floresta Nacional de Tefé. Curitiba: CRV, 2018. p. 46-58.
- ARROYO, M. **Territórios de existência**: educação e a disputa pela cidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BANZZAI. Pisa ligeiro. **Ouvir Música**, 2011. Disponível em: <https://www.ouvirmusica.com.br/banzzai/pisa-ligeiro/>. Acesso em: 14 nov. 2025.
- CASSAB, L. A.; RUSCHEINSKY, A. Indivíduo e ambiente: a metodologia de pesquisa da história oral. **Biblos**, Rio Grande, v. 16, p. 7-24, 2004. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/125>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- CINELLI, C.; RIBEIRO, M. Educação popular e mulheres camponesas. *In*: CASTRO, A. M.; MACHADO, R. C. F. (org.). **Estudos feministas, mulheres e educação popular**. Curitiba: CRV, 2016. p. 27-39.
- FERNANDES, M. E. História de vida: dos desafios de sua utilização. **Hospitalidade**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 15-31, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://revhosp.org/hospitalidade/article/viewFile/292/320>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- FREIRE, P. **Pedagogia da liberdade**: ética, democracia e criatividade. São Paulo: Paz & Terra, 1987.
- MACHADO, R. C. F. Mulheres e agroecologia: o ecofeminismo de Emma Siliprandi, Ana Primavesi, Shiva Vandana. *In*: CASTRO, A. M.; MACHADO, R. C. F. (org.). **Estudos feministas, mulheres e educação popular**. São Paulo: Liber, 2020. p. 27-39.
- MACHADO, R. C. F.; BALBINO, L. F.; OLER, J. R. L. Feiras agroecológicas: mulheres amazônicas fortalecendo trocas e saberes. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 307-319, maio/ago. 2021. DOI 10.14393/REP-2021-57881. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/57881>. Acesso em: 14 jun. 2024.
- MEDEL, H. **Educação popular feminista**: práticas e resistência de mulheres na América Latina. São Paulo: Cortez, 2015.
- MURARO, R. M. **A mulher do terceiro milênio**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez. 2021. DOI 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 27 nov. 2025.

NOGUEIRA, M. L. M. *et al.* O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. e1037, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v12n2/16.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

PAREDES, J. **O feminismo comunitário é uma provocação, queremos revolucionar tudo**. [Entrevista concedida a] Patricia Dopazo Gallego. Diário Liberdade. Galiza, maio 2016. Disponível em: <https://gz.diarioliberalidade.org/america-latina/item/12022-o-feminismo-comunitario-e-uma-provocaao-queremos-revolucionar-tudo.html>. Acesso em: 12 dez. 2022.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAMAIN, E. **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2012.

SILIPRANDI, E.; CARDOSO, E. M. Aprendendo a ouvir as mulheres: ferramentas feministas para o planejamento agroecológico. In: MACHADO, R. C. F.; GAMA, A. S. (org.). **Mulheres, organização e produção agroecológica**: Floresta Nacional de Tefé. Curitiba: CRV, 2018. p. 46-58.

SILVA, M. O. Reconstruindo um processo participativo na produção do conhecimento: uma concepção e uma prática. In: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. (org.). **Pesquisa participante: a partilha do saber**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006. p. 123-149.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1992.

Submetido em 18 de novembro de 2024.

Aprovado em 23 de março de 2025.